

Gaspar Pires de Rebelo



INFORTÚNIOS TRÁGICOS
DA CONSTANTE FLORINDA

organização, notas e posfácio:
Adma Muhana

DEDALUS - Acervo - FFLCH



20900011995

SBD-FFLCH-USP



277795



EDITORA
GLOBO

CAPÍTULO PRIMEIRO

Da pátria e criação de Florinda, e princípio de seus amores.

EM A MUITO NOBRE E POPULOSA cidade de Saragoça, principal do Reino de Aragão, não só polos ilustres varões de que está povoada, altos edifícios e outras grandezas que a fazem digna de muita estima; senão também porque é fertilizada com as claras águas do rio Ebro, que com acelerado curso se vão desobrigar ao mar Oceano; houve um cavaleiro chamado dom Flóris, igual aos mais nobres em sangue e aventejado de todos em vários bens e riquezas da vida, possuindo muitos, não só em algumas terras, que como senhor possuía, mas também gozando de ricas jóias e curiosas peças de outras estranhas de que o não era; e sobretudo de bons costumes e melhoradas virtudes, que estas partes são que fazem ao homem ter muitas para ser de todos estimado e querido, como na verdade era este cavaleiro. Porque como fosse conhecido por homem limpo em sangue, atentado no regimento, acautelado em sua vida, experimentado já na idade, livre nas palavras, virtuoso nas obras, em a paz pacífico, em a guerra esforçado e liberal de seus bens pera com os pobres, e ajudava com eles a sustentar a fazenda dos mais ricos; não havia quem a sua pessoa sujeito não fosse, nem alguma que de sua amizade se isentasse. A este pois deram os Céus por esposa a uma mulher igual a ele em honra, virtudes e nobreza, a qual se chamava Aurélia. Os quais estiveram casados por alguns anos sem poderem haver filhos, com o que



viviam com assaz descontentamento e desconsolação; do qual davam claras mostras às contínuas lágrimas que corriam de seus olhos: porque como elas nasçam do íntimo do coração, donde toda a paixão³¹ e tristeza se recolhe, para que com a força dela não rebente, dão-lhe lugar e saem-se a dá-las do que padece. E como quer que lágrimas justas sempre são de Deus ouvidas e premiadas, apiedando-se destas lhes concedeu uma filha, em todo extremo bela e fermosa, e em todo ele deles estimada,³² à qual puseram nome Florinda: em cujo nascimento se fizeram muitas e grandes festas, em que se acharam todos os amigos e parentes que seu pai dom Flóris tinha, não só em a dita cidade, mas nas vilas mais circunvizinhas a ela. Passadas as festas entenderam³³ em a criação de sua única e querida filha, que mais que a seus olhos queriam, dando-lhe amas que com muito cuidado a criassem, e criadas que com todo ele a servissem. Depois, já que tinha oito anos de idade, vendo-a o pai tão fermosa, alegre e com mostras de bom engenho, deu-lhe mestres experimentados em toda virtude, para que lhe não ensinassem cousa que o não fosse. Pretendendo também com tão bons exercícios desviá-la de algum amor, a que costumam dar se levadas da vanglória de tantas graças, como já se mostravam em Florinda. Porque como fosse de bom engenho, não se contentou só com saber as línguas espanhola, latina, francesa e alguns princípios da italiana, mas deu-se a tanger alguns instrumentos, cantar e dançar a eles, em que era muito destra, e algumas vezes em uma quinta sua tomava lições de esgrima e passeava em um cavalo, como quem se aparelhava para sair à praça do mundo a correr lanças com a fortuna, como adiante diremos no processo da história de sua vida. E depois de passados oito anos, deixados os regalos e mimos que de seus pais era criada, crescendo com eles a fermosura e aperfeiçoando-se mais com o exercício (assim das línguas, como na destreza com que tangia e cantava a seus instrumentos) sua pessoa, não só em a cidade, mas por todo o Reino já voava sua fama. E como a fermosura (como diz Cícero) seja uma acomodada proporção dos membros do corpo, ornados com suavidade de cor, pera que se entenda que com bem razão era Florinda tida em

tal conta, quis aqui dá-la de suas feições. E como as que mais ornem o rosto sejam os olhos e a alvura dele: eram tais os de Florinda, tão negros e fermosos que pareciam tochas, que com a claridade que de si lançavam ofendiam a vista de outros que em a quererem empregar neles mais atrevidos se mostravam, pera que agravados³⁴ tivessem mais razão de os apregoar por tiranos, cruéis e roubadores; e não teriam pouca, porque, como os mais isentos à vista deles ficavam rendidos, bem era que mostrassem o perigo aos mais fracos, pera que desviados dele não ficassem também cativos. Seu rosto era tão claro e bem corado qual cristal e fresca rosa, na maior pureza de sua perfeição. Tinha os cabelos tão fermosos que pareciam madeixas de fino ouro, e tão compridos que estendidos cobriam seu corpo, mostrando-se ornado com eles, como se o fora de algum vestido artificial por mais custoso e rico que fosse: o qual era de tão bom talhe e dotado de tanta perfeição que parecia só em o fabricar pusera todo seu cabedal a natureza; e finalmente era tal que, havendo em o Reino muitas damas dignas de serem estimadas por sua fermosura, só na sua se falava como mais aventejada de todas: de maneira que pela verem vinham muitos mancebos fiados em sua nobreza e boas partes a pretenderam seus amores: e outros que não tinham tanta, só por darem recreação a seus olhos: porque é tal a fermosura, que ainda aqueles que não têm esperanças de possuí-la lhe³⁵ aviva os sentidos pera que mais se deleitem com a vista dela. Vendo-se pois Florinda moça, fermosa, rica, nobre e bem aparentada, ornada de dons da natureza (que com ela havia sido tão liberal, como com outras avara) e destra em tantas artes adquiridas,³⁶ tão estimada e querida de todos, alvo em que o cego amor mais emprega suas setas, deu lugar a que lhe tirasse³⁷ algumas. E parecendo-lhe que coberta com tais armas a não ofenderiam, não só lhe não fugia, mas antes a todas as que o amor lançava se oferecia. E como seja costume seu adonde acha mais resistência tirar uma ervada,³⁸ pera que, já que não pode (pelo impedimento das armas) chegar ao coração, ao menos ferindo o corpo tire sangue e fique presa, até que correndo a malignidade da erva chegue a ele e o mate; entre outras que tirou a Florinda foi uma destas: a

qual sentindo-se ferida começou com mais cuidados³⁹ do que tinha de anos (porque não eram a este tempo mais de dezasseis) buscar no princípio o remédio da sua chaga, porque a que no princípio se não cura, no fim é dificultoso o remédio dela; e ainda que buscou muitos não achou algum pera lho poder dar. Foi pois o caso que havia em a mesma cidade um mancebo não de menos nobreza e riquezas, a quem os pais tinham em seus olhos, por ser o herdeiro de todos seus bens, que eram muitos, o qual havia nome Arnaldo, e sobre todos os deste tempo o tinha assim de gentil-homem, bom cavaleiro, destro em armas e esforçado, como agradável e liberal pera seus amigos, e tido em muito respeito de⁴⁰ todos eles. Este, sendo ainda de pouca idade, vendo a fermosura de Florinda e notando as graças e perfeições, assim naturais como adquiridas de que era ornada, não podendo seu fraco coração com os duros golpes de amor, foi tão ferido dele que banhado em seu próprio sangue o ofereceu em perpétuo sacrifício no altar de um propósito (que em meio de sua vontade edificou) de ser seu cativo, de tal modo que lhe ficasse algum de pretender o alcance de sua liberdade; e quando não merecesse o alcançá-la, morrer cativo e preso com os desejos que levava de possuí-la. E porque comumente a batalha que há entre estes seja tão arriscada e semelhante à do amor com a desconfiança, e este tome mais posse de um fraco peito pera que não possa ter entrada o amor (de quem como de inimiga foge buscando só os mais confiados e atrevidos pera os alentar com o regalo de seus favores), sentindo o peito de Arnaldo com pouca resistência, nascida de uma natural vergonha (certa companheira da pouca idade), se apoderou tanto dele que nem ousava descobrir seu ânimo a Florinda, nem pedir-lhe as mercês que pelo sacrifício (já feito) lhe devia. Assim andou Arnaldo quatro anos havendo-se o amor em ele como fogo em tenros e verdes ramos, em os quais não se acende senão depois de deitadas as disposições que lhe são impedimento e resistem à sua forma: e como pera a introdução desta seja necessário serem em tempo dispostas, pareceu-lhe ao amor bastante o que dissemos, para que com menos impedimento se apoderasse de seu lastimado coração. No cabo do qual tendo Arnaldo já de idade

dezoito anos (achando-o com pouca resistência nascida da muita fermosura, que com a idade crescia mais em Florinda, e de amorosos ciúmes, que de outros a pretenderem tinha) com tanta veemência se apoderou dele, que abrasado em as chamas do fogo de amor, qual outra ave Fênix, tornou a ficar mais puro, para que de novo se entregasse aos cuidados de que já andava tão preso, que lhe não dava liberdade alguma mais que pera cuidar no remédio dela. E como este se não achasse fora do que de Florinda se esperava, porque só de sua vontade dependia, começou Arnaldo de buscar ocasião de lhe manifestar a sua, para que, conhecida dela, ou lhe aumentasse as esperanças que tinha de alcançá-lo, ou lhe mostrasse o atrevimento da confiança que levava de merecê-lo. E no cabo de algum tempo em que buscando traça e ordem pera lhe falar (como desejava) não tinha achado alguma, sucedeu fazerem-se umas grandes festas em a cidade, em as quais se achou Florinda com outras damas amigas suas; e parecendo a Arnaldo ser boa esta ocasião, ao menos pera ser visto dela, confiado com esta traça dar bom princípio a seus amores, estribado na boa postura e graça de seu corpo e gentileza de seu rosto, em que por ser em público se não isentaria Florinda de pôr seus olhos, entre outros cavaleiros que saíram a correr canas⁴¹ e touros em a praça (donde Florinda estava), foi ele um. E como fosse conhecido de muitos pelas boas partes que havemos dito, folgaram de o ver tão bem posto e vestido em seu fermoso cavalo; de modo que não havia dama que se isentasse de louvar sua postura, e poucas de cobiçar sua pessoa. Até este tempo havia estado Florinda bem isenta de amor resistindo a todas as setas que lhe lançava, mui alegre de não ser de alguma delas ferida: porém como era chegado o tempo em que queria já usar da destreza de seu ofício, chegando Arnaldo em seu brioso cavalo por baixo da janela donde Florinda estava com as damas, foi chamada de algumas pera que visse sua gentileza e boa postura; o que logo fez mais por zombar como fazia de outros, do que com ânimo de o ver aventejado deles, como as damas lhe afirmavam. E com este pensamento, bem fora de ter algum de que o amor a vencesse, chegou, e vendo-o tão gentil-homem, airoso e bem ornado com a

riqueza de seu vestido brincado de várias jóias e peças que mais graça lhe emprestavam; certificada de quem era, e certa no que dele já ouvira, com tanta eficácia empregou seus olhos em os de Arnaldo, que venturosos se achavam com a dita de tal encontro, que esquecendo-se de si teve lugar o amor de empregar sua ervada seta; e ainda que não pôde chegar a ferir o coração, contudo como este mal seja repentino e apressado, em pouco tempo se apoderou dele e ficou rendido e morto pela beleza de Arnaldo, que mui contente estava, sentindo os efeitos que causava em Florinda sua vista, porque como ela seja a porta de afeição, cada um comunicou a que tinha em seu coração por ela: que esta mais com os olhos que com a língua se declara. E como era avisada dissimulou por então em o rosto o que não podia em o coração, e em todo o tempo que Arnaldo corria, ou fazia sortes⁴² em seu cavalo, andavam seus olhos escondendo-se dos outros pera que os não vissem empregados em quem já tanto queriam (próprio de quem ama parecer-lhe que todos notam a causa de sua afeição), a qual se lhe aumentou mais quando viu que Arnaldo fazia extremos, assim nas sortes, como nas canas, e que todos pregoavam a ventagem que lhes levava, e era bem conhecida a melhoria que lhes fazia. E acabadas as festas se recolheram os cavaleiros e Florinda com as damas, louvando entre si as grandezas de Arnaldo, como que entre todos merecia ser engrandecido: como quem só a seus olhos tinha sido venturoso; só Florinda por dissimular as abatia, louvando mais as obras de outros, ainda que bem sentia o contrário em seu coração: porque é propriedade da mulher que ama nunca declarar com a boca aquilo que no mais secreto dele se encerra.

CAPÍTULO II

De como Arnaldo se fingiu estrangeiro pera dar uma carta a Florinda e da reposta⁴³ dela.

PASSADO POIS ESTE PRIMEIRO princípio e fundamento dos amores de Arnaldo, e agradecido dele a sua ventura, como mais buscado do que achado nela, como o amor não consinta quietação em uma alma que o serve, não pôde mais Arnaldo ter alguma, antes com mil inquietações e desasossegos (propriedades devidas a novo amor) começou de buscar ocasião em que mostrasse a Florinda sua antiga liberdade estar posta em nova sujeição.⁴⁴ No que gastou alguns meses, dando músicas de noite à Florinda, e de dia passeando sua rua, ora só, esquecido de sua gravidade, ora acompanhado de amigos e criados: outras vezes a cavalo, fazendo nele muitas galantarias (em que era mui destro) sem em todo este tempo ter mais que poucas vistas de Florinda, porque como estava acompanhada de suas criadas, não lhe davam lugar a que pudesse estar em parte donde pudesse ser vista as vezes que ele desejava. Bem conhecia Florinda pelos extremos que via em Arnaldo ser grande o amor que lhe tinha, porém como se sentisse impossibilitada de se mostrar dele agradecida, declarando-lhe a força do que já tinha tomado posse de seu coração; pera que não caísse em tão grande falta, como a da ingratidão, quis o amor (como costumado a tirar, de fraquezas, forças, pera não dar em algumas faltas) dar tantas forças a Florinda que, ajudadas delas, deu mostras do que⁴⁵



tinha ser igual ao que Arnaldo lhe mostrava. E foi que passeando ele como costumava um dia por sua rua, se deixou ela ficar de propósito em sua janela, a uma por estar só, e a outra, porque não passava então gente por ela; e pondo seus olhos em os que tanto ver desejava, foi tão sobressaltada com o demasiado gosto e contentamento que recebeu com sua vista, que desamparada de seus sentidos se reclinou sobre seus braços ao umbral da janela de um amoroso acidente,⁴⁶ de que ficou tão trespassada que mal soube fingir reposta que dar a suas criadas, que lhe perguntavam a causa. Bem entendeu Arnaldo, que tal excesso não podia nascer senão donde houvesse muito de amor: e misturando o sentimento⁴⁷ que recebera (compadecido do acidente que com sua vista dera a Florinda) com a alegria da causa dele, começou de fazer-lhe em seu peito um tão excessivo abalo, que bem foi sentido de seus criados, ainda que (temperado com a força de seu juvenil ânimo) não foi de todo, e não falte nas mulheres indústria para um fingimento conhecido deles. E como o amor seja fogo, e tanto mais se aumente quanto mais matéria tem em que se sustente, alentado com esta se acendeu mais em os corações destes tão queridos amantes, de tal maneira que nem Arnaldo podia quietar em sua casa, nem conversar amigos, como costumava; nem Florinda suas criadas, de quem era mui querida. Recolhendo-se pois Arnaldo a sua casa, dispôs-se a fazer-lhe uma carta, pera que manifestando-lhe seu ânimo entendesse a verdade do seu: pois se via tão impossibilitado de o fazer de palavra, quão cuidadoso havia sido de ocasião em que lho pudesse manifestar por ela. E porque lhe parecia que mandando-a por terceira pessoa seria descoberta, ou não fosse dada em sua mão própria, buscou ordem e traça pera que se lhe desse sem ser de alguém sentida. E foi que despojando-se de seus vestidos próprios se vestiu em outros alheios, fingindo-se estrangeiro; e comprando algumas peças curiosas, se foi a uma quinta donde Florinda estava com suas criadas e mais gente de casa folgando; e mandou logo recado de como trazia jóias de estima de outros reinos pera vender, entre as quais tinha uma de grande novidade. E como as mulheres comumente sejam amigas dela, logo o mandaram subir e vieram rece-

ber à primeira sala, ficando a que ele trazia no coração recolhida em a sua. E começando cada uma comprar o que mais lhe servia, dando-lhe as peças lhe roubava os corações, porque era em tanto extremo gentil-homem e bem-disposto, que ainda em trajos tão vis o representava. Logo Florinda mandou a sua aia lhe levasse a mostrar a mais curiosa peça que aquele estrangeiro trazia, e o preço dela. Vendo ele o bom lanço e ocasião, tirou de uma boceta um cofrezinho pequeno todo marchetado de ouro, semeado de muitas e várias pedras, e fechado lhe mandou, dizendo, se lhe contentasse, desse o preço que mais fosse servida, e que no dia seguinte tornando o receberia; e com isto se foi logo, e Florinda ficou notando a curiosidade do cofre e perfeição dele, não determinando de lhe dar preço certo, senão o que ele lhe pedisse. E chegado o seguinte dia, em que tinha ficado de vir receber, vendo Florinda que não cumprira o que dissera, nem em os dous seguintes vinha, como avisada que era suspeitou ser alguma traça de Arnaldo: e recolhendo-se só à sua câmara, tomou o cofre que fechado estava com certo engenho,⁴⁸ que sem chave se abria; e depois que deu nele, viu dentro um papel dobrado sem mais alguma cousa, com o que ficou em extremos sobressaltada, e abrindo-o achou ser carta de seu querido Arnaldo: e assim do que tinha precedido como do que de presente conhecia, entendeu que ele fora o mesmo portador dela; e por se dar com mais segredo, estrangeiro se fingira. E com grande alvoroço de seu coração a começou ler, a qual era da maneira seguinte:

CARTA DE ARNALDO A FLORINDA.

Se com a ventura que me falta me faltasse agora, senhora minha, o atrevimento de descobrir-vos os secretos de meu coração, ficaria enterrada em o seio do perpétuo esquecimento a mais honesta vontade e pronta a vosso serviço que há nascido nem pode nascer em um namorado peito. Porém por não fazer este agravo a meu justo desejo, quero que entendais que não tenho outro mais que de servir-vos e

amar-vos; e este já tão entregue nas mãos de minha vontade, que não sou senhor dela pera cousa que seja fora deste intento. E por saber a resolução do vosso tomei este meio forçado do amor que abrasa meu coração há quatro anos, sem em todo este tempo achar algum pera vos poder manifestar o que padeço: e porque entendo que de tão nobre sujeito, como o vosso, está bem certa a paga que mereço, por o estar tanto a vossa pessoa; cesso, e não de vos querer, como a minha própria, etc.

Havendo pois Florinda dado fim à carta de seu amado e querido Arnaldo, e conhecido dela o grande amor que lhe tinha, nascido do contentamento que recebera, se tornou a encarnada cor de seu fermoso rosto, em várias e diversas, e sem dúvida que a não lhe atalhar os efeitos que o amor lhe começava a causar, uma criada sua, que da parte de seu pai a chamava, por ventura se enxergaram em ela tanto que pudesse dar mostras de alguma suspeita; porém, como avisada, deitando de si tudo o que lhe podia ser causa de alguma; dissimulou por então em o rosto o que tanto sentia em seu coração. E como seja propriedade do amor quando tem tomado posse de algum, facilmente apartá-lo de todas as cousas que não vão dirigidas ao cumprimento de seus costumes, vendo-se Florinda em parte donde não podia mostrar-se, que não fosse isenta deles, se fingiu doente para que o pai tivesse mais razão de a tornar mandar para a cidade, o que logo fez com toda sua casa. E depois que Florinda se viu nela, começou com novos cuidados entregar-se ao amor de Arnaldo; e porque este quando é grande não sofre dilação em quem o serve, mormente quando é em proveito da cousa amada, entendendo o que resultava a Arnaldo com a brevidade da resposta (devida em lei de primoroso e honrado termo), apartando-se de suas criadas por não ser vista delas, lha fez logo: a qual para lhe dar com mais cautela, esperou que passasse uma noite (como fazia muitas) por sua rua, e sem que a visse pessoa alguma lha deixou cair; a qual ele sentindo ergueu, e com ela os olhos, à causa de tanto bem, mas não foi possível de aquela vez falar-lhe, porque logo que despediu da mão a carta,

o fez ela da janela por não ser sentida. Logo Arnaldo mui contente se foi a sua casa, e abrindo a carta de sua amada Florinda viu que eram as regras⁴⁹ dela da maneira seguinte:

CARTA DE FLORINDA A ARNALDO EM RESPOSTA DA SUA.

Se o grande amor que tem tomado já posse deste coração para ser só vosso não fora de tanta força que lhe deixara alguma para lhe poder resistir, pudera, como experimentada em alheios males, fazê-lo à vossa. Porém como fora dele, já agora será impossível haver para mi cousas que o não sejam, é-me forçado dar crédito a esta, pois na abonação dela fico ganhando um bem com tanta liberalidade oferecido; que nem a mim me seria bem contado mostrar-me ingrata em não querê-lo, nem ele por quem é mereço ser desprezado. A traça que buscastes vos agradeço, porque não corria menos risco (sendo vossa carta descoberta) minha honra do que perigo para com meu pai, minha pessoa, e porque há muitas em esta casa que me são impedimento de poder referir às vossas (como a primorosa lei de amor pede), peço-vos cesseis com elas, e eu buscarei tempo em que vos possa manifestar de palavra o que ele agora me não dá lugar a fazer por letra. E entretanto, vos guarde o Céu, etc.

Logo que Arnaldo acabou de ler a carta de sua querida Florinda, ficou tão contente quão cuidadoso do meio que teria para falar-lhe, pois o proibia de escrever-lhe. Porém, estribado em sua palavra, dissimulou o mais que pôde e não o continuar sua rua e dar músicas como costumava: no que se gastou mais quatro meses, sem em todo este tempo o achar Florinda acomodado para a cumprir, ainda que não estivesse ociosa em buscá-lo, levada do interesse de dar alívio a seu coração, porque não há nenhum mais certo aos que amam do que por elas descobrirem o que padecem. E no cabo deles, estando Arnaldo dando uma noite acostumada música perto das casas de Florinda,

tiraram de dentro com um limão, o qual caindo junto dele ergueu, e logo julgou o que podia ser pelo pouco peso que lhe sentiu; e recolhido a sua casa abriu-o (que cerrado estava uma ametade com a outra) e achou dentro ambas vazias, e só com um pequeno papel, com duas regras, e o nome de Florinda ao pé, as quais diziam assi:

Bem sentida estou, senhor, de não haver ocasião de poder falar-vos mais cedo; esta noite que vem às dez e meia entrarei em o meu jardim, e na janela que cai para ele me achareis, e nisto não haja falta, porque em cumprir o que digo não haverá alguma.

Florinda.

Tão alvoroçado ficou Arnaldo com estas poucas regras, que nem pôde mais quietar o restante da noite, nem no seguinte dia cessar de lê-las. Não se descuidando porém da ordem que teria para entrar em o jardim, porque a porta dele estava sempre fechada, nem se iria só, ou acompanhado: porém como avisado que era, não se quis fiar de seu parecer, antes falando com um criado seu de quem muito se fiava lhe pediu conselho no que faria: porque melhor é errar um seguindo conselhos alheios, do que acertar fiado em seus pareceres próprios.

CAPÍTULO III

De como Arnaldo entrou em o jardim e do que lhe aconteceu à porta dele, depois de falar a Florinda.

DEPOIS QUE ARNALDO houve dado conta a seu criado (como temos dito) e recebido o conselho que no caso lhe pedia (que era de não levar outrem consigo mais que ele), em o qual podia ir confiado o ajudaria em tudo o que suas forças pudessem chegar, ficou tão contente e satisfeito que levantando os braços os deitou a seus ombros, dando-lhe dele muitos agradecimentos, e logo se começou aparelhar para o pôr por obra. E chegado o tempo em que os dourados raios do Sol tinham deixado as terras e a inimiga noite com seu escuro manto cobertas, porém não de modo que a pudesse guardar das calamidades do Céu, se vestiu ele e seu criado (e como é próprio de amor e dos amantes as armas, pois seu pai as faz)⁵⁰ com algumas armas de muitas que tinha, para que melhor se pudessem defender quando alguma cousa lhe sucedesse. E depois de dadas as dez se saíram de casa, e chegando ao jardim foi de parecer o criado que lhe desse Arnaldo ajuda pera entrar, e que lhe abrisse a porta; e entraria por ela sem trabalho; o que logo fez, e buscando a mais baixa parte da cerca e ajudado de Arnaldo, entrou dentro; e logo abrindo a porta entrou Arnaldo sem impedimento algum, e ele se pôs da parte de fora em guarda dela. Despedindo-se pois de seu criado, se foi direito à janela, e não achando ainda em ela o lume de seus olhos ficou sem vista, porque

